

## ENTREVISTA COM CAROLINA CHERUBINI COSTA FREIRE



“Meu nome é Carolina Cherubini Costa Freire, tenho 23 anos, petiana egressa. Me formei em Pedagogia pela UFMT em 2023 e, atualmente, faço mestrado em Educação, também pela UFMT, em que pesquiso sobre jogos digitais sob a orientação da professora doutora Cristiane Koehler”.

**1. Para você, qual a importância do Programa de Educação Tutorial para a formação acadêmica e pessoal dos/as graduandos/as?**

**Carolina Freire:** Primeiramente, falando sobre a importância para a formação acadêmica, o PET tem uma forma ampla de atuação, pois envolve ensino, pesquisa e extensão. Isso faz com que a atuação do PET seja abrangente e positiva tanto para quem quer seguir na pós-graduação e focar numa carreira acadêmica, como para quem deseja atuar em sala de aula. O trabalho com projetos de ensino, pesquisa e extensão nos permite perceber como isso

contribui para nossa formação e nos auxilia tanto no desenvolvimento acadêmico quanto na prática em sala de aula.

No meu caso, foi especialmente importante para o ramo da pesquisa, que já era uma área de interesse, ajudando bastante a me envolver no mundo acadêmico, a produzir artigos e a ter contato com diversos materiais, como os artigos na Revista Pedagogia UFM. Sempre lia, debatia e discutia sobre tudo o que estava sendo proposto, refletindo sobre a educação junto a outras pessoas. Esse espaço, onde tínhamos contato com pessoas de diferentes anos e vivências, foi fundamental para o meu crescimento, pois permite a troca de experiências, o que sempre é positivo.

Esse compartilhamento é o que torna a experiência do PET tão importante. No meu caso, foi crucial para o meu desenvolvimento como líder de projeto, uma pessoa capaz de expressar suas opiniões. No começo, eu era bem tímida, mas isso foi trabalhado ao longo do tempo, mesmo que de forma não intencional. A gente não entra no PET com o objetivo de desenvolver essa habilidade, mas com o envolvimento nos projetos e ao dar nossa opinião, vamos percebendo o quanto crescemos.

Foi um processo de amadurecimento enorme que, talvez, eu não teria vivido apenas com a graduação. Se não fosse o PET, talvez eu não tivesse superado tanto a timidez e adquirido a confiança que tenho hoje. Esse crescimento foi gigantesco, não só como pedagoga mas também como pessoa. Hoje, em qualquer coisa que eu vá fazer, tenho confiança no que penso e desenvolvo e consigo expressar minha opinião de forma clara. As pessoas acabam ouvindo esse ponto de vista que, antes, talvez fosse ignorado.

## **2. Quais foram as suas maiores dificuldades para lidar com as demandas da graduação e do Grupo PET?**

**Carolina Freire:** Quando eu me propus a estar no PET, decidi deixar de trabalhar, uma escolha que fiz desde o início. Eu não tinha nada que me impedisse de estar na graduação e no PET. Nunca passou pela minha cabeça a ideia de que não conseguiria conciliar, ao contrário, a graduação tinha o apoio do PET. O PET está ali justamente para auxiliar no processo da graduação.

No PET, fazemos projetos a mais, mas esses projetos acontecem no contraturno, e no contraturno também estudamos na sala do PET. Temos todo o suporte necessário para que o que estudamos na graduação aconteça com mais qualidade. Então, não tive grandes problemas de horário, sempre sobrava tempo, e esse tempo era de qualidade. Claro, isso porque eu não

trabalhava e não tinha problemas de deslocamento, como muitas pessoas que passam horas no transporte público.

Durante a pandemia, enfrentei algumas dificuldades para lidar com as demandas do PET, porque aquele foi um período em que todos nós estávamos com a saúde psicológica abalada, e acabamos nos envolvendo em muitos projetos para resistir à situação na Universidade. O momento era de transição do presencial para o online, e muitos projetos exigiam mais da gente. Tivemos que nos adaptar e aprender a fazer coisas que nunca tínhamos feito antes.

Minha maior dificuldade foi aprender tudo de forma autônoma, já que nem sempre tivemos o suporte necessário, embora nos ajudássemos mutuamente, estávamos todos enfrentando o mesmo desafio. Tive que aprender a editar áudio e vídeo, por exemplo, e trocamos as palestras por aprender a criar podcasts. Foi uma transição bem intensa e, considerando o momento que estávamos vivendo, em que estávamos todos trancados em casa, isso foi um pouco pesado.

### **3. Qual o projeto desenvolvido pelo grupo PET Educação que foi marcante durante o seu período como petiana? Esse influenciou a sua trajetória profissional?**

**Carolina Freire:** Eu acho que o que foi mais marcante foi o Podcast. Não tem como comparar, porque foi um projeto que me fez perceber a importância de continuar trabalhando e criando conteúdos relevantes para o pessoal da graduação. Além disso, é um conteúdo que está gravado até hoje, acessível no YouTube e no Spotify, o que para mim é muito importante para a formação.

Foi fundamental por todo o desdobramento que tivemos, pelo empenho para chegar ao que o podcast se tornou. Foi muito marcante porque me fez perceber como sou capaz de aprender qualquer coisa, se eu me dispuser a tentar. Naquele momento, eu me sentia incapaz de fazer algo assim, mas o projeto me mostrou que, se eu tentar, vou conseguir.

Essa experiência influenciou minha trajetória profissional, especialmente no campo da tecnologia, já que hoje pesquiso jogos digitais e como a aprendizagem autônoma se dá nesse contexto. Isso também afetou a escolha do tema da minha pesquisa na área de tecnologia e me ajuda na minha profissão como professora, pois posso trazer conteúdos mais interessantes para meus alunos, como vídeos, editar vídeos e até criar podcasts para que eles ouçam. Tudo isso contribui para a aprendizagem deles e é relevante em vários aspectos.

### **4. Você poderia nos contar um pouco da sua trajetória na Revista Pedagogia UFMT e qual foi a importância da escrita acadêmica para a sua entrada na pós-graduação?**

**Carolina Freire:** É muita coisa envolvida nessa pergunta, e é gostoso falar sobre isso. Quando penso na minha trajetória com a Revista, lembro do processo de curadoria dos artigos. Nós líamos muito e discutíamos o que se encaixava em determinado tema e o que não cabia. Muitas vezes, pensamos que certas atividades só serão realizadas na pós-graduação, mas, ao observar, percebemos que já as estamos fazendo.

Nos momentos de diálogo, começamos a notar que temos uma voz ativa, algo que muitas vezes não acreditávamos ter. Nesse contexto, a escrita foi fundamental para a minha pós-graduação. Durante a graduação, lemos muito: lemos no PET, estudamos para os projetos, e, com a Revista e os artigos, aprendemos ainda mais. Isso contribuiu diretamente para a minha escrita. Quando preciso escrever algo hoje, percebo que a minha bagagem é completamente diferente de quando comecei. Minha escrita evoluiu de maneira significativa.

Essa experiência foi essencial no desenvolvimento do meu projeto de pós-graduação. As mudanças que ele sofreu foram mais relacionadas às adaptações nos objetivos específicos, e não à escrita, que nunca chegou a ser um problema. Acho que isso se deve muito ao PET, ao contato que tivemos e ao quanto aprendemos nos estudos realizados com a revista.

Além disso, essa vivência também ajuda na escrita durante a graduação, com o Dossiê por exemplo, escrevemos muitas páginas, e quem desenvolve o gosto pela escrita acaba sendo influenciado a continuar escrevendo mais no futuro. O meu dossiê, especificamente, foi escrito no espaço do PET, e essa experiência foi significativa e muito bonita de lembrar.

##### **5. Qual é a sua opinião sobre o engajamento dos/as petianos/as na tríade acadêmica de ensino, pesquisa e extensão do Programa de Educação Tutorial?**

**Carolina Freire:** Eu acho que o engajamento é natural, porque é próprio do programa unir ensino, pesquisa e extensão. Mas, quando estamos planejando, analisamos o que é possível fazer de cada área. A pesquisa, por exemplo, é algo que precisa estar conectada ao individual de cada petiano e, posteriormente, é trabalhada de forma coletiva.

Cada pessoa participa de um grupo de pesquisa que está mais alinhado com o que está estudando ou com a área de maior interesse no momento, e isso acaba influenciando o grupo. A partir disso, a pessoa traz elementos da sua pesquisa para o coletivo, como discussões e ideias, o que contribui para o crescimento tanto dela quanto dos demais.

O engajamento também está muito ligado à vontade de fazer acontecer, porque sempre existem desafios. Se analisarmos, as atividades que mais geram engajamento são as de extensão, por serem mais visíveis para as pessoas. No entanto, há também as atividades de

ensino, voltadas para nós mesmos, e as de pesquisa, que, muitas vezes, ficam restritas ao núcleo do PET e, para ganhar visibilidade, podem necessitar de outros projetos para serem divulgadas.

Assim, o que fazemos nem sempre é evidente para outras pessoas, mas estamos constantemente trabalhando. Tínhamos lideranças e nos envolvíamos em projetos que poderiam ser de pesquisa, ensino ou extensão, mas, na prática, precisávamos participar de todas essas dimensões, porque estamos inseridos em todas elas. É um esforço diário para estar presente na tríade acadêmica.

#### **6. Finalizando, que mensagem você pode trazer para os novos ingressantes do PET?**

**Carolina Freire:** Não tenham medo de errar, de dar sua opinião ou de tentar algo novo. O PET é um espaço de liberdade, confiança e aprendizado, onde cada integrante pode expressar sua essência e contribuir com o grupo. Inovem e arrisquem-se em projetos que pareçam desafiadores. No PET, vocês terão apoio para experimentar, crescer e aprender, tanto com acertos quanto com erros. É um processo contínuo de aprendizado e amadurecimento. Sejam criativos e acreditem no valor das suas ideias. Mesmo que nem todos os projetos sejam aprovados de imediato, eles podem ser aprimorados e implementados no futuro. É claro que erramos muito, eu errei várias vezes, mas fica marcado aquilo que a gente acerta. Não tenha medo de errar, porque isso será esquecido e ficará para sua aprendizagem, e não cometerá aquilo novamente. A gente ver todo o nosso esforço foi compensatório, foi bonito, foi bom para o grupo e está perdurando aquilo que você fez. Se você foi acolhido no grupo, traga algo de você, e acolhe também as suas próprias ideias, porque o grupo quer isso: que cada pessoa traga aquilo que tem dentro de si. É muito bonito trazer o que é de você para o grupo. Tudo o que você tem a oferecer, ofereça.